

M[e]nino ou m[i]nino? Bol[o] ou bol[u]?

O tratamento das vogais do português brasileiro (LE) por manuais voltados a aprendizes argentinos

Ubiratã Kickhöfel Alves¹
Susiele Machry da Silva²

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul / CNPq

²Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo: Neste artigo, analisamos o tratamento dispensado ao componente fonético-fonológico em duas séries de materiais didáticos voltadas ao ensino do português brasileiro (LE) para aprendizes argentinos. Concentramo-nos, especificamente, no ensino do sistema vocálico. A análise dos materiais revela que, ainda que as oposições em posição tônica sejam abordadas pelas duas séries, há pouca sistematicidade no que diz respeito à posição átona. As pós-tônicas não-finais são tratadas por ambas as coleções, ao passo que a variação da pré-tônica é marginalmente abordada. Os resultados chamam a atenção para a necessidade de materiais que abordem a variação do sistema vocálico átono, bem como ressaltam o papel fundamental da formação teórica do profissional de ensino para uso eficiente desses materiais.

Palavras-chave: Aquisição fonológica do português brasileiro (LE). Sistema vocálico do português brasileiro. Análise de materiais didáticos.

Introdução

Com as demandas crescentes impostas pelo Mercosul, é cada vez maior a procura pelo ensino do português brasileiro (PB) nos países constituintes desse bloco econômico. Dentre os países de fala hispânica, a Argentina constitui um grande mercado consumidor, no que diz respeito a ofertas de institutos de idiomas voltados ao ensino do PB. Surgem, assim, diversas propostas de materiais didáticos, voltados à realidade do aprendiz rioplatense. Em termos linguísticos, esses materiais tomam, como ponto de partida, o fato de que o sistema de L1 dos aprendizes consumidores de tais materiais é a variedade de Espanhol falada no Plata, fato esse que constitui uma vantagem, uma vez que as principais dificuldades a serem enfrentadas por tais aprendizes já podem ser previamente previstas.

Dentre as dificuldades a serem enfrentadas pelos aprendizes argentinos de PB, o componente fonético-fonológico constitui um aspecto digno de ser discutido. Considerando-se os diversos aspectos fonético-fonológicos do PB a serem abordados em uma aula de língua estrangeira para aprendizes marplatenses, as questões referentes ao sistema vocálico revelam-se como de fundamental importância, por corresponder a uma efetiva dificuldade ao aprendiz falante de espanhol (L1). Conforme já apontam diversos estudos (ALLEGRO, 2004, 2010; CARVALHO; BUENO, 2013; GUIMARÃES, 2011; MACHRY DA SILVA, no prelo), a aquisição das vogais médias-baixas do PB por falantes do espanhol (L1) constitui uma fonte de dificuldades, tanto em termos de percepção (ALLEGRO, 2004, 2010; MACHRY DA SILVA, no prelo), quanto de produção (ALLEGRO, 2004, 2010; CARVALHO; BUENO, 2013; MACHRY DA SILVA, no prelo). A uma primeira vista, poderíamos pensar que a tarefa do aprendiz hispânico de PB seria, apenas, avançar de um sistema de cinco vogais [i, e, a, o, u], presentes na primeira língua (ALLARCOS LLORACH, 2012; QUILLIS, 1999), para um sistema de sete vogais [i, e, ε, a, o, ɔ, u] no português (CÂMARA JR., 2009 [1970]), e que sua tarefa de aquisição já estaria encerrada quando atingido tal objetivo. Entretanto, ao contrário do que ocorre no espanhol, que apresenta cinco vogais independentemente da tonicidade da sílaba em que ocorre a vogal, o português brasileiro é uma língua cujo sistema vocálico apresenta comportamento dependente da tonicidade da sílaba, bem como da posição ocupada por essa sílaba na palavra fonológica. Conforme já nos aponta a própria análise clássica de Câmara Jr. (1970), há uma redução do número de vogais nas posições átonas: na pré-tônica, o PB conta com cinco vogais, ao passo que, segundo a caracterização do autor, em posição átona final, o sistema é reduzido a três segmentos.

O fato acima retratado, em princípio, poderia levar à hipótese equivocada de que, apenas em posição tônica, a aquisição do sistema vocálico do PB representaria um desafio para o aprendiz de espanhol (afinal, nas posições átonas, as vogais média-baixas [ε] e [ɔ] não ocorreriam, segundo a

caracterização de Câmara Júnior). Entretanto, diversos estudos atuais apontam que tais posições silábicas se caracterizam como ambiente para diversos fenômenos variáveis na nossa língua. Em posição pré-tônica, fenômenos de harmonia vocálica (BATTISTI, 1993; BISOL, 1981; CASAGRANDE, 2003; FELICE, 2012; SCHWINDT, 1995, 2002), de assimilação vocálica ou alçamento sem motivação aparente (CRUZ, 2010; FELICE, 2012; KLUNCK, 2007) e de abaixamento da vogal média (DIAS, 2008; SILVA, 2009) constituem fatos variáveis na língua, uma vez que podemos encontrar produções como ‘c[o]ruja’, ‘c[ɔ]ruja’ e ‘c[u]ruja’, ‘p[e]queno’, ‘p[ɛ]queno’ e ‘p[i]queno’.

Além do processo que incide sobre as vogais pré-tônicas, no PB também são encontradas alternâncias de pronúncias em posição pós-tônica medial e final. Em posição medial, embora o processo não seja tão recorrente, a literatura (MACHRY DA SILVA, 2009; RIBEIRO, 2007; SCHMITT, 1987; TONDINELI, 2010; VIEIRA, 1994, 2002) aponta para realizações do tipo ‘ép[u]ca’ para ‘época’ ou ‘cóc[i]ga’ para ‘cócega’. Referentemente à posição átona final, são encontradas, com recorrência, formas como ‘bol[u]’ para ‘bolo’ e ‘tim[i]’ para ‘time’. Esse comportamento, entretanto, segundo investigações de cunho sociolinguístico (CARNIATO, 2000; MACHRY DA SILVA, 2009; MALLMANN, 2001; MILESKI, 2013; ROVEDA, 1998; SCHMITT, 1987; VIEIRA, 1994, 2002) mostra diferenças de acordo com a região em estudo. Em alguns centros urbanos tais como Porto Alegre, o alçamento da vogal final tende a ser praticamente categórico (SCHMITT, 1987; VIEIRA, 1994, 2002), enquanto que em outras regiões, sobretudo onde há influência de outras línguas tais como o espanhol, o polonês, o italiano e o alemão, a realização das vogais é variável (MACHRY DA SILVA, 2009; MISLESKI, 2013; SCHMITT, 1987; VIEIRA, 1994, 2002), com tendência à preservação principalmente da vogal média /e/.

Frente a essa possibilidade de produções variáveis, é necessário que o professor de PB como LE esteja instrumentalizado teoricamente o suficiente para que não

considere, como erradas, produções variáveis como ‘m[e]nino’ e ‘m[i]nino’, ou ‘bol[o]’ e ‘bol[u]’, por exemplo. Nesse sentido, o papel dos materiais didáticos se mostra de grande importância. São necessários, portanto, manuais que abordem as vogais da língua-alvo sobre uma maneira organizada e sistemática, de acordo com a posição na palavra e o *status* de tônico/átono da sílaba-alvo, de modo a reconhecer, também, diferentes possibilidades de produção nas sílabas átonas. Da posse desses manuais, o professor poderá não somente munir-se teoricamente para lidar com a questão da variação em sala de aula, mas poderá ter seu trabalho facilitado na sistematização dos aspectos fonético-fonológicos.

Com base na premissa acima exposta, neste trabalho propomos a análise de duas coleções de livros didáticos, produzidas na Argentina, voltadas ao ensino do português brasileiro: a coleção ‘Um Português Bem Brasileiro’, elaborada pela Fundación Centro de Estudos Brasileiros (FUNCEB), e a coleção ‘Brasil Intercultural’, elaborada pela equipe do Centro de Ensino de Línguas Casa do Brasil.

Com o presente trabalho, portanto, pretendemos atingir os seguintes objetivos: (a) verificar se as obras analisadas apresentam atividades voltadas ao ensino das vogais do PB; (b) analisar se as atividades em questão tratam, diferentemente, vogais tônicas de átonas, bem como verificar se a posição, na palavra, da vogal átona é considerada na explicitação do sistema vocálico; (c) discutir se, no caso das posições átonas, é abordado o caráter variável de muitas produções vocálicas, nesse contexto.

Referencial teórico

Sobre as vogais no português brasileiro

Conforme já mencionado na Introdução deste trabalho, em posição tônica, o sistema vocálico do português mostra-se mais amplo do que o do espanhol, por contar com as vogais média-baixas [ɛ] e [ɔ]. Torna-se difícil para os aprendizes, portanto, tanto a percepção quanto a produção de pares mínimos tais como

‘soco’ (substantivo) vs. ‘soco’ (verbo), bem como ‘seco’ (adjetivo) vs. ‘seco’ (verbo) (ALLEGRO, 2004, 2010; CARVALHO; BUENO, 2013; GUIMARÃES, 2011; MACHRY DA SILVA, no prelo).

Em posições átonas, entretanto, o sistema do português revela-se como um ambiente de interessantes fenômenos de caráter variável. A sensibilidade que as vogais médias, menos estáveis no sistema, apresentam com relação ao acento, faz com que sejam recorrentes na língua os casos de neutralização ou de redução vocálica nas posições não acentuadas. Vogais médias são, nesse sentido, segundo apontam Lee e Oliveira (2006) e Lee (2008), ora alvo, ora gatilho para processos fonológicos. Dentre esses processos, podem ser evidenciados aqueles que incidem sobre a pré-tônica, e aqueles que incidem sobre a pós-tônica. Esses processos serão apresentados em detalhe nas próximas seções deste artigo.

Posição pré- tônica

Na posição pré-tônica, vogais médias podem apresentar pelo menos três possíveis realizações: a) pronúncia mais aberta da vogal média, a exemplo de ‘r[ɛ]forma’ para ‘reforma’ e ‘m[ɔ]derno’ para ‘moderno’; b) pronúncia com alçamento da vogal média, como em ‘m[i]nino’ para ‘menino’ e ‘c[u]stela’ para ‘costela’; c) pronúncia com a preservação da vogal, em formas como ‘cenoura’ e ‘segredo’. A produção mais aberta da vogal, ou seja, com a neutralização entre a média alta e a média baixa, é encontrada, sobretudo, em regiões do Norte (DIAS, 2008; SILVA, 2009; VIEGAS, 1987). Há, nesses casos, segundo aponta Silva (2009), um processo de harmonia com a vogal da sílaba subsequente, de forma que o abaixamento tende a acontecer em formas como c[ɔ]légio e d[ɛ]serto, com as vogais /a, ɛ, ɔ/ em sílaba imediata, mas não em formas como b[e]leza e m[o]leza, com as vogais /e, o/ em sílaba imediatamente seguinte.

O processo de abaixamento da vogal não é encontrado em todas as regiões. Nos falares do Sul, por exemplo, não há registro dessas ocorrências. Prevalece, entretanto, em muitos dialetos, a

existência de processos de elevação das vogais médias /e/ e /o/ para as altas [i] e [u]. Esse comportamento em vogais pré-tônicas do PB pode ser motivado por dois processos: 1) harmonia vocálica – engatilhado, principalmente, pela presença de uma vogal alta na sílaba subsequente (BATTISTI, 1993; BISOL, 1981; CASAGRANDE, 2003; FELICE, 2012; SCHWINDT, 1995, 2002); 2) alçamento sem motivação aparente – assim denominado pelo alçamento da vogal não possuir um condicionamento “aparente” (CRUZ, 2010; FELICE, 2012; KLUNCK, 2007; MARCHI; STEIN, 2007).

Os dois processos, embora incidam na mesma posição da palavra, mostram comportamentos diferentes e não são motivados pelos mesmos fatores. A harmonia vocálica, elevação da vogal em ocorrências do tipo ‘m[i]nino’ para ‘menino’ e/ou ‘c[u]ruja’ para ‘coruja’, tende a ser um fenômeno quase categórico e motivado principalmente por fatores de ordem linguística, com destaque à vogal alta da sílaba subsequente (BISOL, 1981; FELICE, 2012; SCHWINDT, 1995, 2002). Já o alçamento sem motivação aparente tende a ser pouco produtivo e a atingir apenas determinados itens lexicais (CRUZ, 2010; FELICE, 2012; KLUNCK, 2008). Nesse caso, são bastante recorrentes formas como ‘s[i]nhor’ para ‘senhor’ e/ou ‘c[u]lher’ para ‘colher’, mas pouco ou não existentes formas como ‘c[i]noura’ para ‘cenoura’ e/ou ‘c[u]légio’ para ‘colégio’.

Posição pós- tônica

A sensibilidade ao acento atinge não somente vogais médias pré-tônicas, mas também vogais pós-tônicas médias e finais. Nesse caso, o que caracteriza o processo é a tendência de as vogais médias /e/ e /o/ serem produzidas com o alçamento [i] e [u]. São passíveis de ocorrência, segundo estudos sociolinguísticos, realizações como ‘ép[u]ca’ para ‘época’ e ‘bol[u]’ para ‘bolo’ (CARNIATO, 2000; MACHRY DA SILVA, 2009; MALLMANN, 2001; MILESKI, 2013; ROVEDA, 1998; SCHMITT, 1987; VIEIRA, 1994, 2002). Ambos os processos são

motivados tanto por fatores de ordem linguística, quanto por fatores de ordem social, e têm como alvo principal a vogal média /o/.

Na posição pós-tônica final, conforme Vieira (2002), há contextos em que a vogal não tende a ser elevada, a exemplo de ‘âncora’ e ‘cérebro’, e contextos em que o alçamento ocorre, como se observa na pronúncia de ‘abób[u]ra’ para ‘abóbora’ e ‘cóc[i]ga’ para ‘cócega’. A vogal média /o/ tende, entretanto, a ser o principal alvo desse processo, já que as realizações da vogal média /e/ com o alçamento são pouco recorrentes. Outro aspecto importante, a ser relatado sobre o comportamento das vogais nessa posição, diz respeito ao fato de que alguns estudos, tais como Ribeiro (2007) e Tondineli (2010), por exemplo, interpretam tal fenômeno sobre a perspectiva da difusão lexical, com o argumento de que a elevação da vogal é verificada em alguns itens e não em outros.

No que se refere à posição pós-tônica final, estudos sociolinguísticos (CARNIATO, 2000; MACHRY DA SILVA, 2009; MALLMANN, 2001; MILESKY, 2013; ROVEDA, 1998; SCHMITT, 1987; VIEIRA, 1994, 2002) apontam para a possibilidade de alçar tanto a vogal média /e/ (em realizações do tipo ‘film[i]’ para ‘filme’), quanto a vogal média /o/ (em realizações do tipo ‘camp[u]’ para ‘campo’). Esse comportamento, entretanto, tende a mostrar diferenças de acordo com a região estudada. Em algumas regiões, o fenômeno é praticamente categórico, enquanto que em outras tende a ser variável e não tão recorrente. Essa diferença de comportamento é verificada principalmente em relação à vogal média /e/, para o qual se observa, de acordo com Vieira (1994, 2002), que o processo de alçamento final se encontra em estágio avançado para algumas regiões (a exemplo de Porto Alegre e região metropolitana), e em estágio inicial para outras regiões (a exemplo de regiões fronteiriças ou de colonização italiana ou alemã).

Notamos, diante do exposto, as diferentes possibilidades de produção que as vogais do português podem apresentar, a depender da posição ocupada na palavra. As vogais médias localizadas em sílabas átonas, conforme já evidenciamos,

mostram-se instáveis no sistema da língua e são, portanto, alvo de diferentes processos fonológicos. Essa tendência de variabilidade que o PB apresenta não pode ser “desconhecida”, por parte dos professores, no ensino do PB como língua estrangeira.

Metodologia

Sobre as séries de livros didáticos adotadas

A coleção ‘Brasil Intercultural’

A coleção ‘Brasil Intercultural’ caracteriza-se, segundo seus autores, como um curso de “Língua e Cultura” Brasileira. A coleção em questão tem sido elaborada como material didático do Instituto de Línguas ‘Casa do Brasil’, localizado na *Ciudad Autónoma de Buenos Aires*, Argentina. O público-alvo da série, portanto, é o aprendiz de português brasileiro que tem o espanhol (mais especificamente, em sua variedade rioplatense) como língua materna. A série de livros em questão é comercializada não somente para alunos matriculados no próprio instituto, uma vez que também pode ser adquirida por escolas e universidades no Brasil e em outros países da América Latina. Em função não somente do sucesso obtido pela série, mas também dado o fato de essa se mostrar bastante recente no mercado, optamos pela análise da coleção em questão.

A série é planejada para abarcar oito volumes¹, de acordo com os oito níveis de adiantamento do Instituto de Línguas ‘Casa do Brasil’. Os Volumes 1 (MOREIRA *et al.*, 2011) e 2 (BARBOSA; CASTRO, 2011) encontram-se já elaborados em sua versão final, podendo ser comercializados para alunos e não-alunos do Instituto. Os demais volumes ainda não se encontram comercializáveis ao público externo ao centro de idiomas. Cada volume conta, além do Livro do Aluno, com um Livro de

¹ Para maiores informações sobre a série, veja-se www.casadobrasil.com.ar.

Exercícios. O material de áudio pode ser baixado da *home-page* da coleção.

A coleção ‘Um Português Bem Brasileiro’

Assim como a coleção anterior, a série de livros didáticos ‘Um Português Bem Brasileiro’ é voltada ao ensino comunicativo do PB a aprendizes argentinos. Tal coleção foi elaborada pelos Professores da ‘Fundación Centro de Estudios Brasileiros’, também localizada na Ciudad Autónoma de Buenos Aires. A coleção, elaborada conjuntamente pelos professores da Instituição no início da década de 2000, é formada por seis volumes. Além dos livros-texto, a coleção também conta com livros de exercício e CDs de áudio. Uma análise do conteúdo fonético-fonológico do primeiro volume referente a essa coleção já foi realizada por Silveira e Rossi (2006), em um estudo em que todos os aspectos fonético-fonológicos contemplados no volume em questão foram abordados. Sendo essa uma das coleções mais popularmente conhecidas entre aprendizes argentinos de PB, por se mostrar uma série já tradicionalmente arraigada no cenário de ensino, optamos por dar continuidade ao trabalho das autoras e analisar todos os seis volumes disponíveis da coleção, detendo especial atenção ao tratamento dos segmentos vocálicos, ao longo de cada um dos volumes.

Procedimentos de análise

Ao tomarmos por base a metodologia já adotada em Bauer (2010), a cada unidade dos livros a serem analisados realizamos uma verificação individual das atividades referentes aos segmentos vocálicos. As análises das duas coleções de livros-texto implicaram, portanto, uma busca criteriosa em cada uma das atividades de cada um dos volumes da obra, de modo a selecionarmos tarefas que, de uma maneira explícita, remetessem à produção ou à percepção dos segmentos vocálicos do PB. Foram analisados os dois volumes já publicados da série ‘Brasil Intercultural’ e todos os seis volumes da coleção ‘Um Português

Bem Brasileiro'. No caso desta última coleção, tínhamos a intenção de, após a análise individual de cada volume, proceder a uma comparação do ensino de pronúncia ao longo de toda a série². Por fins de delimitação, analisamos apenas os livros-texto das duas coleções, de modo que os livros de exercício não tenham sido contemplados neste trabalho.

Análise

Nesta seção, analisaremos, individualmente, as duas coleções investigadas, com foco na busca de respostas para os objetivos delineados no início do trabalho.

Coleção 'Brasil Intercultural'

Conforme já mencionado na Metodologia, uma vez que apenas os Volumes 1 e 2 se encontram, até o presente momento, acessíveis à venda, analisaremos o tratamento das vogais nessas duas primeiras etapas da série.

Os volumes da coleção são organizados por unidades, de modo que cada unidade apresente seções que tratam de habilidades e aspectos linguísticos específicos da língua. Todas as unidades apresentam uma seção denominada de 'Fonética', em que os aspectos fonético-fonológicos são abordados. Uma verificação em cada uma das unidades dos dois volumes apontou que as vogais são abordadas apenas no primeiro volume da coleção. Na primeira unidade do volume em questão (p. 27), a seção Fonética trata, justamente, das vogais [u], [o], [ɔ], [i], [e] e [ɛ]. Tal conteúdo é abordado a partir de uma atividade de audição. A atividade apresenta dois textos, ambos versando sobre questões referentes a redes sociais (o tópico comunicativo da

² Entretanto, conforme será visto na seção de análise, apenas o primeiro volume da coleção apresentou atividades referentes ao aspecto fonético-fonológico, o que impossibilitou uma verificação da possível progressão do tratamento desse aspecto à medida que o aprendiz vai crescendo em proficiência.

unidade). No primeiro texto, as vogais das palavras ‘quilômetros’, ‘quando’, ‘anos’, ‘Salvador’, ‘depois’, ‘trocas’, ‘namoro’, ‘dos’, ‘anos’, ‘feriados’, ‘hoje’, ‘Pessoa’ (João Pessoa), ‘pode’ e ‘sorte’ são sublinhadas. Os aprendizes são convidados a ouvir o pequeno texto com as palavras em questão e classificar as suas vogais em /u/, /o/ e /ɔ/. No segundo texto, encontram-se sublinhadas as vogais das palavras ‘redes’, ‘veneno’, ‘estudante’, ‘Letras’, ‘teve’, ‘sites’, ‘ela’, ‘até’, ‘cidade’, ‘pela’, ‘internet’, ‘qualquer’, ‘perfis’, ‘vive’, ‘recentemente’ e ‘se’. Os aprendizes, após ouvirem a gravação, devem classificar as vogais sublinhadas em /i/, /e/ e /e/.

A análise das palavras abordadas no exercício nos mostra que a atividade em questão, que é a única que aborda vogais no livro do aluno, apresenta uma variedade de contextos prosódicos em que se encontram as palavras. Verificamos, nesta atividade, um foco em vogais que ocupam a posição tônica (como ‘Salvador’, ‘trocas’, ‘depois’, ‘hoje’, ‘pode’, ‘sorte’, ‘Letras’, ‘teve’, ‘ela’, ‘pela’, ‘qualquer’), o que possibilita, ao professor, trabalhar a diferença entre médias altas e baixas, oposição essa que se mostra dificultosa para o aprendiz argentino de PB. Entretanto, também na mesma atividade, podemos encontrar questões referentes a palavras cujas vogais se encontram em posição átona, sujeitas tanto a processos de elevação decorrentes de harmonia vocálica e/ou alçamento sem motivação, o que explica o fato de também serem incluídas, na tarefa de identificação vocálica, as vogais [u] e [i]. Encontramos, dentre as palavras cujas vogais foram sublinhadas no exercício, tanto segmentos vocálicos em posição pré-tônica (‘veneno’, ‘estudante’, ‘perfis’) quanto em posição pós-tônica final (‘quilômetros’, ‘quando’, ‘anos’, ‘feriados’, ‘cidade’, ‘vive’, ‘recentemente’), ou mesmo clíticos (‘dos’, ‘se’).

No que diz respeito às vogais, em posição pré-tônica, abordadas no exercício, chama a atenção o fato de que, em tal posição, somente foram incluídas vogais anteriores. Nenhum exemplo dos possíveis fenômenos referentes à posição pré-tônica, com vogais posteriores, foi mencionado. Tal ocorrência, a nosso ver, impede que se desperte a consciência do aluno sobre o

fato de que os mesmos processos envolvendo as vogais anteriores podem, também, ocorrer entre as médias posteriores, de modo a não instrumentalizar o professor a abordar uma generalização importante. Ainda no que diz respeito à posição pré-tônica, podemos constatar que as palavras abordadas constituem alvo de fenômenos diferentes em nossa língua. Ao passo que a vogal de ‘veneno’ não constitui alvo de alçamento das médias átonas (não sendo, portanto, produzida com a vogal [i]), a palavra ‘estudante’, por sua vez, pode ser variavelmente produzida como [i], em função do processo de alçamento sem motivação aparente (CRUZ, 2010; KLUNCK, 2007). Finalmente, ‘perfis’, a terceira palavra em posição pré-tônica, assim como ‘veneno’, não se mostra suscetível à harmonia vocálica ou ao alçamento sem motivação aparente. Em outras palavras, os poucos exemplares de palavras em posição pré-tônica remetem o aprendiz a diferentes processos, de modo que o uso de uma ou outra vogal pode vir a parecer, no ensino da LE, como resultado da aleatoriedade, caso o professor não se mostre teoricamente instrumentalizado para tratar dessas questões em sua sala de aula.

Com relação à posição pós-tônica, não são encontradas, na atividade em questão, exemplos de pós-tônicas não finais. Há, entretanto, exemplos de neutralização de pós-tônica final tanto em vogais anteriores (‘cidade’, ‘vive’) quanto em posteriores (‘quando’, ‘anos’). A verificação da gravação de áudio evidenciou que todas as vogais finais a serem classificadas constituem exemplos de neutralização da pós-tônica final.

Referentemente ao tratamento dispensado ao caráter da produção vocálica nas posições átonas, nenhuma informação acerca da variabilidade, no PB, referente à produção dessas vogais (tal como em ‘[e]studante’ ~ ‘[i]studante’, ‘quand[o]’ ~ ‘quand[u]’) é fornecido pelo livro. O fato de a atividade ser caracterizada pela identificação de sons a partir de um estímulo auditivo pode contribuir ainda mais para que os aprendizes venham a pensar que, em posições átonas, aquelas produções escutadas constituem as únicas possibilidades de realização das vogais em questão. Caberá ao professor usuário do livro,

portanto, a tarefa de reconhecer, aceitar, e, nas situações em que julgue necessário, apontar para tais possibilidades variáveis. Devemos ressaltar, além disso, o uso das barras //, ao invés dos colchetes [], no exercício de identificação das realizações gravadas no CD. Ainda que não seja o objetivo deste trabalho discutir a oposição clássica entre fonética e fonologia, ou a existência ou o *status* de uma suposta representação subjacente a partir da qual são realizadas as variantes alofônicas, julgamos que o uso de colchetes se mostraria mais apropriado por indicar a possibilidade de mais de uma realização dos sons vocálicos em uma mesma palavra. Concluímos, portanto, que, ainda que a atividade em questão possa se mostrar interessante por despertar a consciência do aprendiz para o fato de que as vogais do português não necessariamente precisam ser produzidas de maneira idêntica à forma escrita (por exemplo, a palavra ‘estudante’ pode ser produzida com um [i] inicial), os poucos exemplares fornecidos pelo exercício, e o fato de as palavras em questão remeterem a diferentes fenômenos fonológicos (tais como neutralização para a vogal média-baixa, ou alçamento para a vogal alta, em função de harmonia ou de motivação não-aparente), não facilitam uma sistematização acerca das diversas possibilidades de produção das vogais em questão, sobretudo porque não é ressaltada, no exercício, a possibilidade de produção variável das vogais. Caso o professor não possua uma boa formação linguística, há, inclusive, o risco de que produções como ‘[e]studante’ sejam corrigidas em sala de aula, pelo profissional em questão.

Coleção ‘Um Português Bem Brasileiro’

A observação de cada um dos seis livros da série revelou que aspectos fonético-fonológicos são abordados apenas no primeiro volume. Tal constatação nos despertou surpresa, uma vez que hipotetizávamos que, à medida que os aprendizes crescessem em proficiência na língua estrangeira, mais atividades de pronúncia poderiam ser integradas aos aspectos comunicativos e aos itens linguísticos abordados na coleção.

A apresentação dos aspectos fonético-fonológicos se dá logo no início da obra, em uma espécie de preâmbulo denominado de “Introdução – Fonologia”. Tal capítulo é apresentado antes mesmo da Unidade 1, de modo a fornecer um sumário linguístico dos aspectos fonético-fonológicos que deverão ser utilizados ao longo da coleção. As vogais orais do PB são apresentadas logo após a apresentação do alfabeto (p. 9). É apresentado um quadro com as sete vogais de nossa língua, com exemplos de palavras que contêm essas vogais. A coluna referente à vogal /e/ apresenta apenas três exemplos, cada um deles com *status* diferente: ‘perfeição’ (que ocorre tanto em posição pré-tônica quanto em tônica, posição na qual o /e/ constitui um ditongo em posição pré-tônica), ‘Deus’ (ditongo em posição monossilábica) e ‘fechada’ (/e/ em posição pré-tônica, não sujeito ao alçamento vocálico). A coluna referente à vogal /o/ também apresenta apenas três palavras, com *status* também distinto cada uma: ‘ouro’ (ditongo em posição tônica), ‘boca’ (posição tônica) e ‘mosquito’. Chama a atenção essa última palavra, que também é apresentada na coluna referente à vogal /u/. Uma vez que as vogais-alvo não são sublinhadas na obra, não podemos dizer se o fato de a palavra se encontrar em ambas as colunas deve-se aos autores reconhecerem a neutralização da pós-tônica final, a harmonia vocálica da pré-tônica, ou ambos os processos. Caberá ao professor estar ciente desses processos, para poder reconhecer as variantes referentes a essa palavra, e ser capaz de sistematizar a exposição dos exemplos no quadro.

Chamam a atenção, ainda, as colunas referentes às vogais /a/, /i/ e /u/, no quadro em questão. A coluna referente à vogal /a/ é dividida em duas partes: na primeira, são apresentadas palavras contendo essa vogal em posição tônica (‘palavra’, ‘prata’, ‘fachada’); na segunda, são apresentadas palavras com o grafema ‘a’ em posição final (‘palavra’, ‘prata’, ‘boca’); essas palavras são apresentadas sob o símbolo /ø/. Tal organização parece-nos problemática, uma vez que uma provável interpretação a ser tirada de tal apresentação é de que /ø/ constitui um fonema adicional na língua portuguesa. Devemos ressaltar, ainda, o fato

de que essa é a única coluna em que as vogais-alvo são ressaltadas em negrito.

As colunas referentes aos fonemas /i/ e /u/ também são divididas em duas partes: ao contrário do que ocorria na coluna referente à vogal baixa, em que primeiramente eram providos exemplos da vogal em posição tônica e, em seguida, em posição átona, no caso das colunas referentes às vogais altas a ordem se inverte: primeiramente, são fornecidos exemplos com a vogal átona final ou com clíticos ('de', 'mole', 'bate', 'nobre', 'o silêncio', 'certo', 'ricos'), e, posteriormente, com as vogais tônicas (/i/ - 'mosquito', 'rico'; /u/ - 'fura', 'dura'). Essa falta de sistematicidade no ordenamento pode representar um caráter de dificuldade adicional para o aprendiz, e talvez para o próprio professor, que não conseguirá entender a sistemática de apresentação das vogais nas palavras em questão. Ressaltamos, novamente, que, nas colunas em questão, não são negritadas as vogais-alvo. Tal fato pode também levar a dificuldades no entendimento da intenção dos autores no que diz respeito à palavra 'escreve', apresentada tanto na coluna referente ao /e/ e ao /i/ átono. De fato, não podemos dizer se a inclusão de tal palavra nessa última coluna diz respeito à neutralização da vogal final unicamente, ou se, também, está sendo reconhecida a possibilidade de produção de [i] na vogal inicial, o que caracteriza o alçamento sem motivação aparente. O fato de todas as outras palavras da coluna /i/ átona apresentarem o grafema 'e' encerrando palavras conduz-nos a crer que seja a neutralização da final o fenômeno a ser ressaltado através da inclusão desse exemplo.

A caracterização acima leva-nos à conclusão de que, em função da falta de sistematicidade apresentada a partir dos exemplos, torna-se difícil detectar quais os fenômenos de variação abordados na unidade em questão. Não resta dúvida, entretanto, que a neutralização da vogal final é reconhecida pelos autores, visto o grande número de exemplos de palavras incluídas nas colunas de /i/ (tais como 'mole', 'bate', 'nobre') e /u/ ('certo', 'ricos', 'filhos') finais. Entretanto, fica a dúvida se o alçamento da pré-tônica é, também, destacado pelos autores:

conforme já afirmado, o fato de ‘mosquito’ estar incluído tanto sob a coluna de /o/ quanto de /u/ átono pode ser indicativo das seguintes possibilidades: (a) os autores reconhecem a produção variável da vogal final; (b) os autores não reconhecem a possibilidade de alçamento da vogal inicial (ou então não desejam tratar dessa questão), e por isso categorizam a palavra mosquito sob /o/; (c) os autores reconhecem tanto a possibilidade de variação da pré-tônica quanto da átona final. O fato de as vogais em questão não estarem sendo sublinhadas exigirá do professor que ele se mostre ciente dessas possibilidades de variação, para poder explicar a possibilidade de realização variável da pré-tônica. Novamente, ressaltamos, também nessa obra, o uso de barras ao invés de colchetes [], uso esse que tem consequências, inclusive, na suposta caracterização de /ø/ como um fonema de nossa língua, ao contrário da caracterização de Câmara Jr. (1970).

Em suma, ainda que as possibilidades de alçamento vocálico pareçam ser reconhecidas pelos autores da obra, o modo de organização dos exemplos não permite determinar quais processos de alçamento estão sendo tratados pela obra. O professor, portanto, não se encontra plenamente instrumentalizado para lidar com a posição pré-tônica, a partir unicamente dos exemplos providos na unidade.

Considerações finais

Ao chegarmos ao final deste trabalho, buscamos atender explicitamente os objetivos lançados na Introdução deste artigo, a partir de uma comparação das duas séries analisadas.

Como primeiro objetivo que motivou o presente trabalho, intencionávamos verificar se as duas coleções apresentavam atividades voltadas às vogais do PB. A observação das obras revelou que, ainda que em graus diferentes, ambas as coleções abordavam os segmentos vocálicos de alguma forma. Surpreendeu-nos, entretanto, o fato de que tal assunto foi abordado apenas no primeiro volume das coleções em questão. No caso da coleção ‘Brasil Cultural’, em que apenas dois dos

oito volumes previstos já se encontram disponíveis à comercialização, não podemos descartar a possibilidade de que tal questão seja retomada, com maior profundidade, nos volumes seguintes. No caso da coleção ‘Um Português bem Brasileiro’, entretanto, devemos ressaltar o fato de que, dos seis volumes de curso, apenas o primeiro trata dos aspectos referentes às vogais. Esperávamos que, à medida que os aprendizes fossem crescendo em proficiência, tal conteúdo fosse retomado e, inclusive, aprofundado, o que não foi o caso.

Tendo sido encontradas atividades voltadas ao ensino de vogais nas duas coleções verificadas, procuramos atender ao segundo objetivo, que indagava se a produção tanto de vogais tônicas quanto de átonas era abordada, bem como se verificava quais posições átonas eram privilegiadas nas atividades. Todas as obras privilegiaram o ensino da produção tônica, sobretudo no que diz respeito aos pares mínimos referentes às vogais médias [e] vs. [ɛ] e [o] vs. [ɔ]. Além disso, ambas as coleções abordaram, também, a posição átona final, ainda que nenhuma das obras tenha lidado com exemplos referentes à variação da vogal em tal posição. Nenhuma das obras abordou a pós-tônica não-final, contemplando a possibilidade de ocorrência de fósfo[u]ro para fósforo, por exemplo. No que diz respeito ao tratamento da posição pré-tônica, diferentes abordagens foram encontradas nas obras em questão. Na coleção ‘Brasil Intercultural’, tal posição foi abordada superficialmente, apenas com exemplos referentes às vogais anteriores, a partir de uma atividade de audição em que foram incluídos tanto exemplos de alçamento sem motivação aparente (‘estudante’) quanto de não-alçamento (‘veneno’). Na coleção ‘Um português bem brasileiro’, a falta de sistematicidade da organização dos exemplos não nos permite verificar se era, realmente, objetivo dos autores abordar a posição pré-tônica, ainda que os exemplos providos permitam que o professor assim o faça.

Do quadro acima exposto, concluímos que a posição pré-tônica é a mais problematicamente abordada nas obras em questão. É justamente ao discutirmos tal posição que podemos prover respostas para o terceiro objetivo deste trabalho, que diz

respeito à possibilidade de as obras ressaltarem ou não o caráter variável dos segmentos vocálicos nas posições átonas. Em relação à posição pré-tônica, encontramos problemas nessa caracterização: a coleção ‘Brasil Intercultural’ não ressalta o caráter variável dessa posição; a coleção ‘Um Português Bem Brasileiro’, por sua vez, traz exemplos que permitem tal caracterização (tal como a palavra ‘mosquito’), porém a falta de exemplos adicionais, a falta de organização das colunas e o próprio destaque das vogais dos exemplos não nos permite verificar se tal questão constitui um dos objetivos de ensino dos autores. A conclusão a que chegamos é que as obras em questão, tomadas como único ponto de referência, não são capazes de instrumentalizar professores e alunos acerca da posição pré-tônica do português e das possibilidades de produção que ocorrem em tal posição. Nesse sentido, um ensino eficiente das vogais átonas dependerá do conhecimento trazido pelo professor, que poderá vir a fazer uma boa utilização das duas coleções de livro-texto aqui analisadas, caso já se mostre teoricamente instrumentalizado para tal. Caberá ao professor o discernimento para reconhecer, como igualmente apropriadas, produções tais como ‘m[i]nino’ para ‘menino’, bem como ‘b[u]neca’ para ‘boneca’. As obras em questão, entretanto, não contribuem substancialmente para tal instrumentalização.

No que diz respeito à átona final, todas as obras tendem a considerar a produção de [u] e [i] como fenômenos categóricos. Ainda que se reconheça a produção praticamente categórica de tais vogais em algumas regiões, sobretudo nos grandes centros urbanos de nosso país (ROVEDA, 1998; VIEIRA, 1994, 2002), é necessário que o professor saiba reconhecer, também como apropriadas, manifestações de *menin[o]* e *leit[e]*, sem exigir de seus aprendizes argentinos realizações que apresentem, necessariamente, o alçamento vocálico. Concluimos, também, no que diz respeito a essa posição, que as obras em questão não se mostram capazes de propiciar esse discernimento.

Em suma, ainda que os materiais em questão possam ser considerados como aliados do professor em sua tarefa de sistematizar o sistema vocálico do PB, fica claro que uma

utilização apropriada de tais materiais exigirá uma carga de conhecimentos teóricos e aplicados por parte do professor, carga essa não plenamente provida por tais obras. Como próximos passos para essa pesquisa, julgamos necessário incluir, também à investigação, a análise dos livros de exercícios das coleções de livros didáticos analisadas, uma vez que os cadernos de atividades podem trazer tarefas adicionais sobre pronúncia que poderão vir a enriquecer a sistematização do professor. Além disso, pesquisas futuras, que se voltem à utilização, por parte dos profissionais de ensino, dos materiais didáticos aqui analisados podem ser também de grande pertinência, uma vez que, dessa forma, poderão ser verificadas algumas das dificuldades aqui apontadas, bem como serão reveladas questões outras não abordadas ao longo deste texto. Julgamos que, apesar de não apresentar caráter exaustivo, o presente estudo se mostra como um primeiro passo para uma conscientização acerca da necessidade de uma abordagem clara, por parte dos materiais didáticos, acerca do componente fonético-fonológico. Ao ressaltarmos tal necessidade, acreditamos ter deixado clara, também, a importância de instrumentalização teórica do profissional de ensino para o uso pertinente das obras em questão.

Referências

ALLARCOS LLORACH, E. *Fonologia española*. Madrid: Editorial Gredos, 2012.

ALLEGRO, F. *A relação entre a percepção e produção de sons em espanhol como língua estrangeira (ELE): um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

ALLEGRO, F. A percepção das vogais do português por hispanofalantes: um estudo envolvendo paulistanos e rioplatenses. *Revista Intercâmbio*, São Paulo, v. 22, p. 56-71, 2010.

BARBOSA, C. N.; CASTRO, G. N. *Brasil Intercultural – Língua e cultura brasileira para estrangeiros – Nível 2*. Buenos Aires: Editora da Casa do Brasil, 2011.

BATTISTI, E. *Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha*. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

BAUER, D. A. *O tratamento do aspecto fonético-fonológico na aula de inglês como LE: análise de um livro didático*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

BISOL, L. *Harmonização vocálica*. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

CÂMARA JR., Joaquim M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CÂMARA JR., Joaquim M. *Estrutura da língua portuguesa*. 42ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CARNIATO, M. C. *A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar*. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2000.

CARVALHO, M. P.; BUENO, E. S. Neutralização do timbre aberto nas vogais médias no português falado como L2 em escolas públicas de fronteira. *Interletras*, Mato Grosso do Sul, v. 3, n. 17, p. 1-18, 2013.

CASAGRANDE, G. *Harmonização vocálica: análise variacionista em tempo real*. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

CRUZ, M. C. *As vogais médias pretônicas em Porto Alegre RS: um estudo sobre o alçamento sem motivação aparente*. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

DIAS, M. R. *A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e Ouro Branco*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

FELICE, A. C. *Um estudo variacionista e fonológico sobre o alçamento das vogais médias pretônicas na fala uberlandense*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

FUNCEB – Fundação Centro de Estudos Brasileiros. *Um português bem brasileiro*. Níveis 1 a 6. Buenos Aires, s.a.

GUIMARÃES, F. I. *Aquisição do português como L2 por falantes de espanhol: uma experiência com o modelo de ontogenia*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

KLUNCK, P. *Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente*. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

LEE, S-H. Contraste das vogais no PB. *Portuguese-Brazilian Studies*, v. 5, p. 201-221, 2008.

LEE, S-H.; OLIVEIRA, M. A. Teorias fonológicas e variação linguística. *Estudos da Linguagem*, Vitória da Conquista, v. 3, p. 41-67, 2006.

MACHRY DA SILVA, S. *Elevação das vogais médias átonas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho-RS*. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MACHRY DA SILVA, S. *Percepção e produção das vogais médias do português (L2) por falantes nativos do Espanhol*. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, no prelo.

MALLMANN, D. *A elevação das vogais médias átonas finais no português falado em Santo Ângelo (RS)*. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

MARCHI, F.; STEIN, R. Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente em Curitiba-PR. *Cadernos de Pesquisas em Linguística*, v. 3, n. 1, p. 127 -137, 2007.

MILESKI, I. *A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata*. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MOREIRA, A.; BARBOSA, C. N.; CASTRO, G. N. *Brasil Intercultural – Língua e cultura brasileira para estrangeiros – Nível 1*. Buenos Aires: Editora da Casa do Brasil, 2011.

QUILLIS, A. *Tratado de fonologia y fonética españolas*. Madrid: Editorial Gredos, 1999.

RIBEIRO, D. *Alçamento de vogais postônicas não-finais no português de Belo Horizonte - Minas Gerais: uma abordagem difusionista*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

ROVEDA, S. D. *Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngues: Português e Italiano*. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

SCHMITT, C. J. *Redução vocálica postônica e estrutura prosódica*. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1987.

SCHWINDT, L. C. *Harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista*. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

SCHWINDT, L. C. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Org). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 161-182.

SILVA, N. A. *As pretônicas no falar teresinense*. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SILVEIRA, R.; ROSSI, A. Ensino de pronúncia de português como segunda língua: considerações sobre materiais didáticos. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 4, n. 7, 2006.

TONDINELI, P. G. *A variação fonética das vogais médias pré e pós-tônicas na variedade linguística de montes claros/MG*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

VIEGAS, M.C. *Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

VIEIRA, M. J. B. *Neutralização das vogais médias postônicas*. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

VIEIRA, M. J. B. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

Recebido em 30 de maio de 2013
e aceito em 14 de junho de 2013.

Title: *M[e]nino or m[i]nino? Bol[o] or bol[u]? The teaching of Brazilian Portuguese vowels (FL) in coursebooks for Argentinean learners*

Abstract: *In this article, we investigate the teaching of phonetic-phonological aspects of Brazilian Portuguese as a Foreign Language in two series of coursebooks aimed at Argentinean learners. We concentrate our discussion on the teaching of the Brazilian Portuguese vowel system. Our analysis has shown that, even though the two collections concentrate on the teaching of stressed vowels, there is little agreement with regard to the teaching of vowels in unstressed positions. Final unstressed vowels are approached in the two teaching materials, whereas pretonic variation is marginally addressed. The results in this study highlight the important role to be played by a consistent theoretical basis brought by teachers when using these materials.*

Keywords: *Phonological acquisition of Brazilian Portuguese as a Foreign Language. Brazilian Portuguese vowel system. Analysis of teaching materials.*